

© 2000 Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda.  
É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, para qualquer finalidade, sem autorização por escrito dos editores.

**Produção Gráfica & Capa**  
*Valquíria Farias dos Santos*

**Revisão Gráfica**  
*Miriam Moreira Soares*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Encontros e desencontros: descobrindo a psicologia do esporte / organizadora Katia Rubio. — São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

Vários Autores.

Bibliografia.

ISBN 85-7396-098-1

1. Esportes — Aspectos psicológicos I. Rubio, Katia.

00-3219

CDD-796.01

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Psicologia do Esporte 796.01

**Impresso no Brasil**  
*Printed in Brazil*



Reservados todos os direitos de publicação em língua portuguesa à

**Casa do Psicólogo® Livraria e Editora Ltda.**

Rua Simão Álvares, 1020

05417-020 São Paulo - SP - Brasil

Tel. (11) 3034-3600

e-mail: [casadopsicologo@casadopsicologo.com.br](mailto:casadopsicologo@casadopsicologo.com.br)

<http://www.casadopsicologo.com.br>

# QUEM SOU? DE ONDE VIM? PARA ONDE VOU?

---

## RUMOS E NECESSIDADES DA PSICOLOGIA DO ESPORTE NO BRASIL.

*Katia Rubio*

Considerada pelos iniciantes como um produto dos anos 80, a Psicologia do Esporte tem sua história escrita a partir do início do século XX na Rússia e nos Estados Unidos e, mais precisamente, a partir da Copa do Mundo de Futebol de 1958, para o Brasil (Feltz, 1992; McCullagh, 1995; Rubio, 2000; Williams e Straub, 1991).

O conhecimento específico da área relaciona-se a fundamentos psicológicos de atividades relacionadas com o esporte e/ou atividade física, tendo como objetivo a observação, análise e intervenção das diferentes dimensões psicológicas do comportamento humano sob a ótica das variadas correntes teóricas e paradigmas da Psicologia.

Ao pensar em rumos e necessidades da Psicologia do Esporte apresentam-se três questões fundamentais para a área, as mesmas feitas pela esfinge, diante do templo de Apolo, na Grécia antiga, para que o neófito pudesse ser iniciado nos mistérios desse deus: quem sou, de onde vim, para onde vou. A resposta esperada deveria contemplar não apenas dados objetivos e estáticos, mas refletir as questões existenciais envolvidas em sua elaboração, dando ao bem-sucedido o direito de entrar no templo e a morte ao simplista ou ignorante. Nosso intento é responder às questões como aqueles que foram aceitos.

Neste texto buscaremos refletir sobre algumas situações da Psicologia do Esporte no Brasil que têm influenciado e, em parte, determinado seu presente, passado e futuro.

## QUEM SOU?

Essa primeira pergunta remete à caracterização da Psicologia do Esporte, uma vez que sua formação e seu desenvolvimento receberam a influência da Psicologia e da Educação Física e hoje o embate entre as duas formações dá-se no âmbito do conhecimento e no exercício profissional.

Pertencente à grade curricular dos cursos de Educação Física há quase duas décadas, somente no final dos anos 90 é que a Psicologia do Esporte passou a ser contemplada em alguns cursos de Psicologia, a princípio na forma de disciplina optativa e mais recentemente como forma de estágio supervisionado. Diante dessa realidade, os psicólogos que optaram pela escolha do esporte como campo de atuação foram obrigados a se tornar autodidatas ou buscar formação no exterior, uma vez que o conhecimento específico do esporte é fundamental para essa quase especialização. Por outro lado, o bacharel ou licenciado em Educação Física/Esporte, que não possui a formação em Psicologia, não pode intervir em equipes esportivas ou com atletas, nem fazer uso de técnicas e instrumentos caracterizados como psicológicos, gerando insatisfação nesses profissionais e expectativa do desenvolvimento da área por parte daqueles que desejam a aplicação da Psicologia ao esporte em suas equipes ou clubes.

Por causa de um impasse semelhante ao nosso, em 1983, o Centro Olímpico Americano indicou três possibilidades de atuação para os profissionais da área (Lesyk, 1998):

- O *clínico*, profissional capacitado para atuar com atletas e/ou equipes esportivas, em clubes ou seleções, cuja preparação específica envolve conhecimentos da área de Psicologia e do Esporte, não bastando apenas a formação em Psicologia ou Educação Física.
- O *pesquisador*, cujo objetivo é estudar ou desenvolver um determinado conhecimento na Psicologia do Esporte sem que haja uma intervenção direta sobre o atleta ou equipe esportiva.
- O *educador*, que desenvolve a disciplina Psicologia do Esporte na área acadêmica, seja na Psicologia, seja na Educação Física. Nos dois últimos casos não se exige formação específica do profissional.

Além da definição da possibilidade de atuação profissional, Singer (1989) aponta para outros desdobramentos no campo de atuação profissional do psicólogo do esporte, fornecendo os seguintes modelos: o *especialista em psicodiagnóstico* – faz uso de instrumentos para avaliar potencial e deficiências em atletas; o *conselheiro* - profissional que atua apoiando e intervindo com os atletas e a comissão técnica para lidar com questões coletivas ou individuais do grupo; o *consultor* – busca avaliar estratégias e programas estabelecidos, otimizando o rendimento; o *cientista* – produz e transmite o conhecimento da e para a área; o *analista* – avalia as condições do treinamento esportivo, fazendo a intermediação entre atletas e comissão técnica; o *otimizador* – com base em uma avaliação do evento esportivo busca organizar programas que aumentem o potencial de *performance*.

Diante da diversidade de atuações é de se esperar que o profissional que atua em Psicologia do Esporte tenha também uma diversidade de formação. Além do conhecimento específico trazido da Psicologia, como o uso de instrumentos de diagnóstico e modelos de intervenção, espera-se e exige-se que o profissional tenha um vasto conhecimento das questões que permeiam o universo do atleta, individualmente, como noções de anátomo-fisiologia e biomecânica, e específicas do esporte, como as modalidades esportivas e regras, bem como dinâmica de grupos esportivos. Esse corpo de conhecimento faz-se necessário à medida que se atua com indivíduos e/ou grupos que têm sua dinâmica limitada pelo contexto vivido, ou seja, os treinamentos, as competições e a interação com um meio restritivo com períodos de isolamento e concentração ou alojamentos conjuntos (Rubio, 1999).

## DE ONDE VIM?

O espaço e lugar da Psicologia do Esporte têm sido determinados a partir do referencial utilizado para sua alocação, seja como uma especialidade da Psicologia (Cratty, 1989; Schilling, 1992), incorporando seus modelos teóricos e linhas de atuação, ou como uma subárea das Ciências do Esporte (Gill, 1986; Haag, 1994), que se ocupa de aspectos psicológicos da atividade física e do esporte.

Para a APA – American Psychological Association (1999), a Psicologia do Esporte foi reconhecida como especialidade (a de número 47) no ano de 1986. Deve-se dizer que esse reconhecimento ocorreu após cem anos do primeiro trabalho publicado como sendo da área, há vinte e um anos da criação da Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte, de um número considerável de trabalhos produzidos e de profissionais que se especializaram pelas mais diversas vias, criando massa crítica suficiente para colocar a Associação Americana a reboque de uma situação. A partir disso, um fato novo foi criado, ou seja, reconhecida como especialidade, a Psicologia do Esporte tornou-se área de abrangência profissional do psicólogo, que exige formação específica para utilização e exercício do título. Vista como uma especialidade da Psicologia, a Psicologia do Esporte tem sua produção dirigida ao esporte e à atividade física enquanto *settings* (no sentido do espaço onde ocorre a ação) na compreensão da teoria psicológica e na aplicação de seus princípios.

Se Cratty (1989) e Shilling (1992) colocaram a Psicologia do Esporte com a Psicologia, Gill (1986) e Haag (1994) defendem-na como um componente das Ciências do Esporte.

Haag (1979, 1994) considera as Ciências do Esporte como uma teoria composta por sete campos de conhecimento – medicina esportiva, biomecânica do esporte, psicologia do esporte, pedagogia do esporte, sociologia do esporte, história do esporte e filosofia do esporte –, tendo como condutor da discussão teórica a pesquisa comparativa. As Ciências do Esporte representam um sistema de pesquisa científica, ensino e prática, cujo conhecimento é formado a partir de outras disciplinas que têm como trabalho científico e objetivo compreender um sistema complexo denominado esporte. Esse fenômeno, por sua vez, é diversificado, multifacetado e deve ser visto em uma linha multidimensional.

Feltz (1989), Horn (1992) e Morgan (1989) sugerem que, para se compreender o fenômeno esportivo na sua complexidade, seria preciso estarem incluídos na Psicologia do Esporte conhecimentos de outras subdisciplinas das Ciências do Esporte. Sob esse aspecto, Gill (1986) sugere que, sendo as Ciências do Esporte multidisciplinares, se faria necessária a aproximação com as demais disciplinas, com o objetivo de compor teorias, constructos e instrumentos de investigação que caminhem em uma mesma direção.

## PARA ONDE VOU?

Diante de tamanha complexidade é possível afirmar que estamos promovendo e desenvolvendo a produção de um conhecimento específico tanto no que se refere à fundamentação teórica como a adequação a uma realidade cultural brasileira. Isso quer dizer que a Psicologia do Esporte no Brasil não pode estar pautada, apenas, em um referencial americano, russo ou europeu, baseada no conhecimento traduzido literalmente dessas línguas para o português.

Para que se faça uma Psicologia do Esporte apropriada para a nossa realidade, é necessário o desenvolvimento de um corpo de conhecimento específico, considerando as singularidades da nossa cultura, as diferenças regionais e a forma como o esporte vem sendo ensinado e praticado tanto nas escolas como nos clubes. Essa preocupação vem do fato de que temos impresso em cada um de nós características que são próprias da nossa cultura, de uma cultura que envolve uma forma de aprender a fazer as coisas, a miscigenação, a religião, que faz de nós, brasileiros, um povo bastante particular. Se essas características não forem observadas e respeitadas, corre-se o risco da desqualificação tanto do trabalho como do profissional que o aplica, ainda que em outros países essas iniciativas tenham obtido sucesso.

Quando observamos e conhecemos modelos desenvolvidos em outros países percebemos que já estamos fazendo uma Psicologia do Esporte, madura e coerente, que respeita essas características, e também as características das diversas modalidades e dos diversos atletas que as praticam.

Outro elemento importante dentro dessa discussão refere-se à formação do psicólogo. É preocupante a afirmação de que o psicólogo do esporte só pode desempenhar essa função se tiver feito especialização ou formação, seja no país ou no exterior. A formação é necessária porque facilita, porém não garante, o bom exercício profissional. Essa afirmação é feita considerando-se o esforço dos vários psicólogos que ao longo dos anos não tiveram cursos de especialização aos quais recorrer para a sua formação, mas garantiram a qualidade de seu trabalho pela condição generalista que os cursos de Psicologia têm, e pela incansável curiosidade para buscar a informação e o conhecimento onde eles estiverem. Esse movimento permitiu a apropriação de elementos para uma prática profissional de qualidade e pela

formação de uma massa crítica para o desenvolvimento da área, que nenhuma instituição aqui no Brasil era capaz de oferecer.

A oferta de cursos de especialização e extensão tem permitido uma formação específica que anos atrás não existia. Hoje é possível o acesso de cada vez mais pessoas à área, com um corpo de conhecimento mínimo já produzido e o acúmulo de um número razoável de trabalhos de intervenção bem-sucedidos. Mas, como já dissemos, não é apenas o surgimento de cursos de especialização que garantirá a seriedade da área.

Esses elementos apontam para a importância e necessidade de formação de massa crítica. Hoje já começamos a participar de cursos e eventos não mais para saber o que é a Psicologia do Esporte. Esta é uma etapa que está sendo superada. Atualmente estamos em busca de discussões que reflitam sobre papel e atuação profissionais, formação, ética. A realização de eventos tem aumentado e se tornado imprescindível para a troca de conhecimentos, embora ainda se encontrem circunscritos a uma região específica, centralizando o conhecimento e dificultando a troca de experiências.

Considerada como uma das áreas emergentes da Psicologia neste início de milênio, a Psicologia do Esporte enfrenta hoje as mesmas dificuldades que outras áreas enfrentaram, em outros momentos históricos, por ocasião de sua organização. Daí a necessidade do esforço e do trabalho sistemático daqueles que já estudam e atuam nesse meio.

## OS RUMOS E AS NECESSIDADES

Como já foi abordado anteriormente, a Psicologia do Esporte brasileira está vivendo um processo de construção que envolve produção de conhecimento, do ponto de vista epistemológico, e a descoberta e invenção de uma forma específica de fazer sua aplicação nas diversas regiões do país. Isso porque a nossa realidade é bastante singular, se pensada geograficamente, e a nossa diversidade é imensa. Portanto, só poderemos falar de uma Psicologia do Esporte brasileira quando essa diversidade tiver sido compartilhada e discutida nas diversas regiões do país, assentada no conhecimento e na realidade produzidos por nós.

O alto rendimento em São Paulo não é o mesmo alto rendimento no Maranhão, se considerarmos tanto a organização das instituições esportivas como a formação dos profissionais que atuam e pelas peculiaridades culturais de um estado e do outro. Não quero com isso dizer que a forma como o profissional desempenha sua função em um ou outro estado seja melhor, mas apenas diferente. Só será possível construir conhecimento sobre essas especificidades na medida em que tivermos conhecimento do que se está fazendo em cada um desses locais.

A divulgação da área é outro elemento fundamental para seu desenvolvimento e aprimoramento. Por divulgação entende-se o esforço para apresentar ao público trabalhos que estão sendo realizados tanto em pesquisa como em intervenção, mas também como e onde encontrar a literatura da área. É grande o número de profissionais, principalmente psicólogos, que começam a estudar e trabalhar com esporte e nos consultam dizendo não saber onde achar material sobre Psicologia do Esporte, uma vez que, consultada a biblioteca da faculdade de Psicologia, pouco ou nada foi encontrado. De fato, grande parte da literatura da área, tanto livros como revistas, está alojada nas bibliotecas das faculdades de Educação Física, em que a Psicologia do Esporte é disciplina curricular há mais de duas décadas.

Diante disso poderia-se considerar como uma das necessidades da Psicologia do Esporte a criação de um veículo de comunicação, uma revista específica. Existe uma grande dificuldade em organizar publicações científicas, tanto em seus aspectos acadêmicos como burocrático/organizacionais. Mesmo sabendo dos obstáculos financeiros para a manutenção de periódicos, a qualidade e quantidade de textos submetidos à publicação são consideradas os verdadeiros impedimentos para a manutenção de revistas de qualidade.

Outro fator fundamental para a manutenção do bom nível da área é a troca de experiências. A falta de eventos e entidades específicos já foram, em outros momentos, elementos que impediam o avanço da área. Exemplo disso é a existência, há quase vinte anos, da Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte, que, devido a um estatuto limitado ou a falta de comunicação de seus dirigentes com aqueles que estão envolvidos e empenhados com o trabalho de pesquisa e intervenção, não conseguiu estabelecer-se como uma entidade representativa da área no Brasil, nem exercer o papel de divulgadora e organizadora da Psicologia do Esporte. Diante desse quadro foi fundado o Colégio Brasileiro de Psicologia do Esporte



com o propósito de preencher essas lacunas e facilitar a aproximação dos profissionais atuantes, seja com formação em Psicologia ou Educação Física. Se conseguirá esse intento ou não, só o tempo dirá. Outro exemplo dessa disposição foi a formação da Comissão de Esporte do CRP-SP, que, aberta a profissionais da área, interessados e estudantes, tem proporcionado condições para a divulgação e questionamento de práticas profissionais, abrindo um espaço para a troca de experiências, restrito, porém, ao Estado de São Paulo.

Diante dessas considerações seria possível afirmar que a Psicologia do Esporte vive um momento fundamental para sua afirmação enquanto área de conhecimento e campo de intervenção. Já é grande o número de profissionais que estão atuando com equipes e clubes esportivos, tem sido cada vez maior a demanda por parte de técnicos e comissões técnicas para a presença de um psicólogo no acompanhamento do trabalho pré e pós-competitivo, técnicos e professores têm buscado cada vez mais proximidade com o profissional e conhecimento psicológicos para compreensão dos processos emocionais de seus atletas e alunos e tem aumentado consideravelmente a oferta de cursos para especialização e aprimoramento daqueles que desejam se engajar nessa prática.

Todo esse movimento sugere um esforço conjunto para a construção da área que, mais que um esforço verbal, tem-se efetivado na ação daqueles que não estão dispostos a deixar o trem da história partir dessa estação com os vagões vazios, mais uma vez.

Esse esforço passa pela garantia da especificidade do fazer profissional. A apropriação dos saberes específicos pelos profissionais que compõem a equipe é condição básica para o trabalho desenvolver-se de forma plena. Uma área que congrega duas formações necessita de uma relação de troca constante para o benefício da realização de seus objetivos, seja na conquista de um campeonato, seja no restabelecimento de um paciente enfermo, seja no desenvolvimento de condições de vida digna para as crianças.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APA – AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. *How can a psychologist become a sport psychologist?* <http://www.psyc.unt.edu/apadiv47>, 1999.
- CRATTY, B.J. *Psychology in contemporary sport*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1989.
- FELTZ, D.L. The nature of Sport Psychology. In: HORN, T.S. (Ed.). *Advances in sport psychology*. Champaign: Human Kinetics, 1992.
- GILL, D.L. *Psychological dynamics of sport*. Champaign: Human Kinetics, 1986.
- HAAG, H. *Theoretical foundation of sport science as a scientific discipline*. Schorndorf: Hofmann, 1994.
- . *Development and structure of a theoretical framework for Sport Science ('Sportwissenschaft')*. *Quest*, 31, 25-35, 1979.
- HORN, R.S. *Advances in sport psychology*. Champaign: Human Kinetics, 1992.
- LESYK, J.J. *Developing sport psychology within your clinical practice*. San Francisco: Jossey-Bass, 1998.
- McCULLAGH, P. *Sport psychology: a historical perspective*. *The sport psychologist*. 9, 363-365, 1995.
- MORGAN, W.P. Sport psychology in its own context: a recommendation for the future. In: SKINNER, J.S.; CORBIN, C.B.; LANDERS, D.M.; MARTIN, P.E. & WELLS, C.L. (Eds.). *Future directions in exercise and sport sciences research*. Champaign: Human Kinetics, 1989.
- RUBIO, K. O trajeto da Psicologia do Esporte e a formação de um campo profissional. In: Rubio, K. (Org.). *Psicologia do Esporte: interfaces, pesquisa e intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

- . *Psicologia do Esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa. Psicologia, Ciência e Profissão*. 19 (3) 60-69, 1999.
- SCHILLING, G. State-of-the-art review of sport psychology. *Sport Science Review*. 1 (2), 1-12, 1992.
- SINGER, R.N. *Applied Sport Psychology in the United States Applied Sport Psychology*. 1, 61-80, 1989.
- WILLIAMS, J.M. & STRAUB, W.F. Nueva Psicología del Deporte: pasado, presente, futuro. In: Williams, J.M. (Org.). *Psicología aplicada al deporte*. Madrid: Biblioteca, 1991.